

Grupo denuncia agressão policial

Morador da 415 Norte testemunha espancamento de rapaz sob o bloco, mas PMs negam o uso de violência em revista

Rosana Gonçalves
Da equipe do **Correio**

As quadras 415/416 Norte são famosas por ter moradores que estão há 15 ou 20 anos no local. Muitos se conhecem, principalmente os jovens cuja média de idade é de 20 anos, e que formam grupos de amigos desde a infância. Um desses grupos estava sob o pilotis do bloco D da SQN 415 Norte na noite de sexta-feira passada. Perto dali, no bloco K, uma família tentava acionar a Polícia Militar, ao ver dois carros estranhos, com pessoas dentro, parados no estacionamento do prédio em situações suspeitas.

Depois de quatro telefonemas para o 190, uma viatura policial chegou, mas deu meia volta e, segundo uma testemunha, quase atropelou um adolescente que acenava tentando indicar o rumo de um dos carros suspeitos. Minutos depois duas viaturas com pelo menos dez policiais estavam em frente ao bloco D, surpreen-

dendo o grupo de amigos que conversava.

Os cinco rapazes e a garota, com idades de 18 a 20 anos, não entenderam até agora por que, segundo eles, durante uma revista, foram agredidos e humilhados. Eles contam que os policiais militares deram coronhada de revólver, chutes e dirigiram palavras aos garotos, de acordo com informações de I.A.S.A., 19 anos.



Segundo ele tudo começou por volta das 21h, quando estava sentado sob o bloco com L.H.S.R., 19 anos; M.S.M., 19; L.R.C. 18 anos; e G. (idade e sobrenome não revelados), quando foram

surpreendidos por um grupo de aproximadamente 10 policiais que chegaram em duas viaturas. "Sem pedir identificação eles mandaram a gente ficar com as mãos na parede, nos chutavam para que a gente abrisse as pernas para fazer a revista", diz o rapaz. Ele mostra um ferimento na altura do peito, que teria sido provocado pelo cano do revól-

ver de um dos policiais.

Detector de metais e gás lacrimogêneo também teriam sido usados na abordagem, de acordo com o relato dos rapazes. Morador do bloco C, o garoto I. diz ainda ter ouvido gracejos do tipo "Quero ver você se coçar e chorar" — para em seguida jogar gás lacrimogêneo no grupo de amigos — e "Revista esse cabeludo que tem cara de mocinha", por causa dos seus longos cabelos.

TESTEMUNHA

A agressão dos PMs, contam os rapazes, voltou-se também para o estudante E.P.S., que mora no bloco P da 415, e apesar de conhecer o grupo de amigos não estava com eles. "Eu ia passando pelo bloco D quando o policial Luiz Antonio veio em minha direção. Ele estava transtornado. Me perguntou se eu sabia quem tinha entregado os PMs e já foi me batendo". O rapaz diz que recebeu uma coronhada na cabeça, chute nas pernas e joelhadas no estômago, além de ter sido ameaçado de morte.

Ele afirma que conhece o policial (identificado no boletim de ocorrência como Luiz Antonio Carvalho de Sant'Anna, 24 anos, aspirante a oficial) desde criança, quando jogaram bola juntos, mas garante não ter ficado nenhuma rixa entre eles. "Quem estava lá ouviu ele me ameaçar de morte, dizer que vai me jogar no lago, e que vai forjar um flagrante". E.P.S. está com medo e vai procurar a Corregedoria da Polícia Militar.

Edson Gês



I.A.S.A. mostra o ferimento que a arma do policial fez em seu peito

Seu espancamento foi visto por Juarez Ferreira da Silva, 50 anos.

Pai de M., 20 anos, e R., 16, ele viu da janela de seu quarto E.P.S. ser agredido, embora não pudessem identificar o agressor. "Era noite e só pude ver que era um homem fardado. Quando desci, o vi sair de trás do bloco puxando o

rapaz. Nunca tinha visto uma cena dessas aqui. Os meninos com as mãos na parede, sem camisas, e descalços. Espalharam tudo o que havia na mochila de M. pelo chão", afirma Juarez, que diz ter exigido informações dos policiais. "Quando pedi identificação e disse que eles estavam

invadindo minha casa, levei um empurrão", conta revoltado e preocupado.

São os mesmos os sentimentos da relações públicas Vany Pires Sobreira de Araújo, mãe do jovem ferido no peito. Ela está preocupada com a situação. "E se a arma tivesse disparado? Como é que a gente fica se a própria polícia agredir?", indaga.

ENERGIA

Nos depoimentos que prestaram para o boletim de ocorrência, na 2ª Delegacia de Polícia (-Asa Norte), os policiais do 3º Batalhão de Polícia Militar disseram que "os rapazes abordados esboçaram pequena resistência, tendo sido necessário o uso de energia para as revistas". O aspirante a oficial Luiz Antônio diz que ninguém foi agredido e não foi lançado gás lacrimogêneo.

Além dos pedidos de exame de lesão corporal para I.A.S.A. e E.P.S., foram encaminhados ao Instituto Médico Legal as camisas de I. e de L.R.C. O Comandante do Policiamento da Polícia Militar do Distrito Federal, coronel Renato Azevedo, disse ontem que o caso ainda não chegou oficialmente à unidade. "Se foi feito um boletim de ocorrência há uma tramitação a seguir. A Polícia Civil deve encaminhar o caso à PM, que imediatamente instaurará o procedimento de apuração na Corregedoria. É a Corregedoria que vai apurar se o fato ocorreu ou não."